

Rádio Exu: Mídia radical como instrumento contra-hegemônico¹

Lívia Fialho de ANDRADE²
Sibely Nunes NASCIMENTO³
Thiane de Nazaré Monteiro Neves BARROS⁴
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

O presente artigo analisa a produção da Rádio Exu - Comunicação Comunitária de Matriz Africana, existente de 2016 a 2018 e voltada a temáticas ligadas às tradições de matriz africana no Brasil. A rádio é analisada como mídia produzida colaborativamente e também a partir de sua atuação como mídia radical e contra-hegemônica, a favor do protagonismo de comunidades de Axé na comunicação e da preservação das culturas de matriz africana.

Palavras-chave: rádio web; matriz africana; negritude; mídia; alternativa; radical.

1. Introdução

“Exu é o orixá da comunicação, senhor dos caminhos. É o primeiro a ser reverenciado nos rituais. Exu é o primeiro, na roda, no xirê ancestral dos orixás. Exu, além de ser o homem da encruzilhada também é o guardião das portas, das entradas das cidades... Aquele que é mensageiro, que é o viajante e que sempre está em movimento. Ele é o princípio da passagem, da mudança, da transição, do movimento.” (KINAMBOJI, T., entrevista concedida a Sibely Nunes Nascimento, 2017)

Ao encontro da explicação de Tata Kinamboji⁵, acrescentamos a conceituação de Muniz Sodré (2017) de que Exu pertence visceralmente à Comunicação. E vai além, o autor afirma que se na reinterpretação colonial Exu é associado ao diabo, na cosmovisão africana Exu é a própria Comunicação, é quem dinamiza a vida para além do bem e do mal. Somente é possível conectar Orum (céu) e Ayê (terra) se for por meio de Exu.

Por isso, pedimos licença para seguir a tradição do povo de matriz africana e saudamos o dono das encruzilhadas afro-diaspóricas para que dê passagem à mensagem que apresentamos neste artigo: Laroyê, Exu!

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 6º. Semestre em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da UFPA, email: liviafialh@gmail.com.

³ Recém graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFPA, email: sibelynn@gmail.com.

⁴ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPA, email: thiane.nb@gmail.com.

⁵ Tata significa Pai e é um cargo designado a homens no Candomblé de Nação Angola, Tata Kinamboji foi iniciado no Mansu Nangetu, sediado em Belém/PA e também era conhecido como Arthur Leandro.

Segundo Ligiéro (2011), tradições de matriz africana no Brasil podem ser definidas como manifestações que buscam resgatar e preservar o passado cultural africano construído em nosso país. A “matriz”, nesse caso, seria uma origem em comum que legitimaria a identidade dessas manifestações como fruto da diáspora africana. Ligiéro (2011, p. 130) teoriza em cima desse conceito e, para abarcar a complexidade das performances culturais afro-brasileiras, propõe em cima dele a ideia de “Motrizes Africanas”, usada para definir:

(...) um conjunto de dinâmicas culturais utilizados na diáspora africana para recuperar comportamentos ancestrais africanos. A este conjunto chamamos de práticas performativas e se refere a combinação de elementos como a dança, o canto, a música, o figurino, o espaço, entre outros, agrupados em celebrações religiosas em distintas manifestações do mundo Afro-Brasileiro.

A delimitação feita pelo autor desse conjunto específico de elementos é interessante aqui, pois os grupos que compuseram a Rádio Exu têm, em geral, tradições de musicalidade, corporeidade e oralidade, que a rádio busca divulgar.

Atualmente, no Brasil, tais tradições, ainda que asseguradas legalmente, enfrentam a discriminação que a sociedade reserva para o povo negro e para toda a herança cultural deixada pelos que vieram na diáspora. A disposição em que nossa sociedade se encontra mostra-se extremamente prejudicial a negras e negros, em aspectos variados de suas vidas, desde a formação de sua identidade - individual e coletiva- até a possibilidade de acesso a bens materiais e simbólicos.

Violência física e psicológica, discriminação e intolerância cultural e religiosa são exemplos de como o racismo se manifesta, e entre esses é válido pontuar, nesta análise em específico, o poder que o opressor tem de apagar a história e as tradições culturais do povo oprimido. Diante disso, a preservação dessas tradições culturais e sua manifestação através de gerações é sinônimo de resistência.

Tarefa nada fácil para qualquer grupo de minoria social. A configuração econômica e social mundial da atualidade mantém heranças que historicamente possibilitam a manutenção de poder por alguns grupos. Se no período da era industrial - onde a produção fabril constituía a principal forma de riqueza - esses grupos dominantes detinham a posse de matérias-primas e fábricas, nos dias de hoje se faz necessário o domínio hegemônico dos meios de comunicação e informação, haja a vista as relações de poder contemporâneas.

A Obra de Manuel Castells joga uma luz sobre o assunto da valorização da informação. Em *Sociedade em Rede* (2006), o autor teoriza sobre uma nova fase nos sistemas produtivos que batiza de “capitalismo informacional”. Tal período caracteriza-se principalmente pela expansão e desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) e o aumento de, entre outras coisas, o fluxo de informações e a difusão de conhecimento. Meios pelo qual o capitalismo globalizado se consolida, com multinacionais estabelecidas ao redor do mundo e a divisão de trabalho ocorrendo em nível internacional.

Baseando-se nas definições de John Downing (2002), em *Mídia radical - Rebelião nas comunicações e movimentos sociais*, à luz dos conceitos de poder, hegemonia e resistência, movimentos sociais e organização da mídia radical, faremos uma análise sobre a Rádio Exu, a fim de perceber como as mídias alternativas (mais especificamente a internet) aliadas a técnicas de mídias mais tradicionais, nesse caso o rádio, podem constituir uma forma de resistência à ideologia das classes dominantes.

2. Conceito de Rádio Web

2.1. Estrutura

A rádio web diferencia-se da rádio tradicional primeiramente por sua estrutura de transmissão. Enquanto a primeira depende de ondas eletromagnéticas para funcionar, a segunda se vale da tecnologia de *streaming*, ou seja, do fluxo de dados em tempo real através de uma rede de computadores, geralmente da internet.

Essa diferença influencia na forma que consumimos essas duas mídias. Enquanto na rádio tradicional a localização é importante para uma boa recepção - já que as ondas tem um limite de alcance - a rádio web pode ser consumida de qualquer local do mundo, sendo necessário apenas uma conexão de qualidade. Marcelo Mendonça e Bento Duarte (2010, p. 256) definem que:

A Rádio Web pode ser definida como a emissão radiofônica na Internet com tecnologia streaming, geralmente nos formatos de áudio (MP3 ou MP4, OGG Vorbis, WebPlayer, Real Audio, Windows Media Audio e HE-ACC). Diferente do rádio tradicional, sua transmissão pode ser sucedida por imagens, vídeos, textos, fotos e links.

A rádio web pode ser difundida pela internet, a rede mundial de computadores, ou pode ter seu alcance resumido a um servidor local, sendo transmitida por uma *intranet*, uma rede de computadores de uso exclusivo de um determinado local ou grupo.

2.2. Produção

As rádios tradicionais costumam se valer de uma série de equipamentos para melhorar a qualidade do áudio transmitido. Como parte do conteúdo é veiculado ao vivo, apresentado por locutoras ou locutores, o tratamento do áudio não é possível, por isso se fazem necessários bons equipamentos de captação e modificações no ambiente em que se é gravado. A rádio web, por sua vez, tem a possibilidade de propagar um conteúdo pré-gravado e editado, por isso nem sempre os mesmos equipamentos são necessários.

2.3. Licenciamento

Um dos maiores empecilhos enfrentados pela rádio livre é a necessidade de serem licenciadas para serem consideradas legais. Isso muitas vezes acaba implicando em confisco dos equipamentos da rádio, problemas com a justiça e mesmo na má fama que as chamadas “rádios piratas” (rádios não licenciadas) passaram a ter. Esse problema não ocorre com a rádio web que, não precisando transmitir seu sinal em uma frequência específica, não precisam ser cadastradas e licenciadas para serem consideradas legais e terem seu funcionamento respeitado.

3. A Rádio Exu

3.1. Contexto histórico

A Rádio Exu – Comunicação Comunitária de Matriz Africana foi um projeto colaborativo de mídia que abordava temas de vertente étnica e racial, fundado por várias associações ligadas ao movimento negro e de tradição de matriz africana espalhadas por todo o Brasil. A rádio, nascida em novembro de 2016, era produzida colaborativamente por esses grupos, de acordo com as possibilidades e recursos disponíveis para cada um. Segundo sua descrição em sua página na rede Facebook⁶, a rádio:

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/radioEXU/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 30 jul. 2019

[...] difunde os valores civilizatórios da matriz africana na diáspora brasileira, e prima pelo combate ao racismo e pelo fortalecimento de redes solidárias de lutas sociais e das culturas negras com protagonismo negro, de povo tradicional de matriz africana (terreiro) e de juventude de terreiro. Transmite conteúdos de lutas sociais, difunde e divulga tanto os agentes quanto às culturas negras amazônidas e brasileiras.

A fim de compreender a produção da rádio, a técnica de pesquisa aplicada foi a entrevista, que nos permitiu compreender de maneira aproximada o processo de desenvolvimento da rádio. Maria Cecília Minayo (2010, p. 65) afirma que entrevista é uma técnica privilegiada de comunicação e interação social, pois nos coloca diante da mesma dinâmica das relações existentes na sociedade. A autora explica que uma entrevista pode revelar a sombra e a luz da realidade, lembrando que ao ser analisada é preciso considerar o contexto de sua realização e sempre que possível possa ser complementada com a observação participante.

Em outubro de 2017, entrevistamos Arthur Leandro, cuja dijina é Tata Kinamboji⁷ - durante a vida, foi principal articulador e um dos fundadores da rádio, era também professor na Universidade Federal do Pará (UFPA) e artista de terreiro.

Na entrevista, ele explica que a Rádio Exu parte de um problema específico: as políticas públicas direcionadas aos povos de matriz africana e a necessidade de uma comunicação com protagonismo dessas comunidades. Isso aconteceu no ano de 2002, na prefeitura de Edmilson Rodrigues⁸. Arthur conta que, pela primeira vez, a prefeitura buscou as lideranças tradicionais de matriz africana para discutir políticas públicas que valorizassem a identidade negra africana em Belém.

A rádio surgiu na sequência de outros projetos de comunicação e extensão no âmbito da UFPA⁹, criados em resposta ao problema da inexistência dessas políticas públicas, e Arthur Leandro conta que seu objetivo é, em primeiro lugar, “permitir que as comunidades de matriz africana protagonizem e dominem a produção de informações

⁷ Dijina é o nome que as pessoas recebem na iniciação ao Candomblé e Tata significa Pai e é um cargo designado a homens no Candomblé de Nação Angola, Tata Kinamboji foi iniciado no Mansu Nangetu, sediado em Belém/PA.

⁸ Edmilson Rodrigues foi prefeito de Belém pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos de 1997 a 2004.

⁹ Sob a coordenação do professor Arthur Leandro foram aprovados os projetos de extensão: Nós de Aruanda - Exposição de Artistas de Terreiro; TV Azuelar - um canal de tv de matriz africana que transmitia rodas de conversa sobre a cultura tradicional de matriz africana; Navega Saberes - Eu vou navegar na casa da mãe das águas (Ilê Iyabá Omi) e Valorização do Patrimônio Artístico e Cultural Afro Amazonico.

passadas para a sociedade sobre esses grupos, em busca de um diálogo que seja justo com estas pessoas”.

Arthur Leandro faleceu em 15 de maio de 2018. Após seu óbito, a rádio foi tirada do ar temporariamente e está em fase de reorganização. A produção da Rádio Exu ocorria colaborativamente e maneira horizontal, no entanto, Arthur era o principal incentivador dos colaboradores da mídia em questão. Po

3.2. Estrutura e funcionamento

Como já mencionado, a Rádio Exu era constituída por organizações espalhadas por todo Brasil, todas ligadas à tradição de matriz africana. A comunicação entre essas organizações no que diz respeito à rádio se dava, segundo Arthur Leandro, majoritariamente pela internet, mais especificamente pelo aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*. O aplicativo também foi útil no compartilhamento dos conteúdos produzidos, uma vez que a produção de conteúdo para a Rádio também era desenvolvida de maneira espontânea via celular - algo que Arthur chama de “tecnologia do possível” - principalmente durante as festividades realizadas por essas comunidades, que se organizam em rede.

A divulgação da rádio ocorria de maneira orgânica. Naturalmente, como produto da internet, a Rádio contava com página no Facebook, arquivo no Soundcloud, e até mesmo um aplicativo. Entretanto, sua comunicação acontecia principalmente dentro dos grupos envolvidos com a tradição de matriz africana que integravam a rádio e grupos paralelos.

“Nossos programas são gravados e a gente coloca na programação, e aí vem o programa Abayomi: um encontro precioso, produzido em Salvador pela Thiane Neves; O programa Ngomba de Aruanda produzido por mim, Arthur Leandro; O programa Onise Ipade, produzido pelo Babá Edson Cadentê na AFAIA, no conjunto Maguari; O Programa Tambores do Norte produzido no Instituto Roupilé em Macapá; O programa Nesta cidade todo mundo é D’oxum, de Adriene Batista, do Ilê de Oxumaré, no Tapanã. É assim que a gente faz, nós somos todos artesanais. Somos amadores, no melhor sentido que essa palavra tem, pois fazemos o que amamos.” (KINAMBOJI, T., entrevista concedida a Sibely Nunes Nascimento, 2017)

Alguns indivíduos desse meio também utilizavam a rádio como forma de divulgação de seu trabalho em grupos musicais, enviando canções para serem transmitidas, numa espécie de retroalimentação.

No que diz respeito aos custos de produção, não existe um controle muito grande sobre os gastos necessários para o desempenho do projeto. Arthur Leandro mencionou o custo fixo de uso da plataforma de hospedagem do site da rádio, de 150 reais por mês. Além disso o valor da internet integrava o investimento financeiro da rádio, pois cada um dos cerca de 20 núcleos que integravam a Rádio EXU utilizavam a *web* para a comunicação em rede e envio de materiais. Esse valor era custeado independentemente por qualquer um desses grupos, estimados em aproximadamente 200 reais mensais.

4. Rádio Exu como ativismo

4.1. Conceitos básicos

A fim de analisar a Rádio Exu como um movimento social de resistência lançaremos mão de alguns conceitos utilizados por John Downing (2002). Para o autor, o conceito de poder, por ser muito abrangente, é de difícil definição. Ainda assim, a obra de Downing é influenciada principalmente pelo ponto de vista do anarquismo socialista que, em contraponto ao marxismo tradicional, não se foca na economia política, mas enfatiza as “múltiplas realidades de opressão”. Assim, Downing dá atenção às opressões que impactam o ser humano em suas múltiplas dimensões e não apenas no sentido econômico.

Para definir hegemonia, Downing se baseia em Gramsci, que considera os órgãos de informação e cultura, tais quais a igreja, a literatura e escolas, como a primeira linha de defesa do sistema. São tais órgãos que solidificam a visão inconsciente de que as classes dominantes detêm o poder graças à sua capacidade evidente de dirigir a nação. Downing afirma que Gramsci acreditava que a hegemonia socialista seria construída pela participação direta e ativa das massas, lideradas - mas não dominadas - por um partido comunista.

Downing considera razoável reconhecer a necessidade de lideranças organizadas para a coordenação de movimentos de oposição à hegemonia. Nesse sentido o autor propõe que o “intelectual orgânico” de Gramsci pode ser entendido como um “comunicador

ativista”, já que por “intelectual” Gramsci não se referia a acadêmicos elitistas, mas sim a comunicadores que se integrassem organicamente às classes trabalhadoras.

Downing então descreve como os meios de comunicação radicais alternativos, se apresentam de acordo com a situação política em que se encontram. Essa mídia radical, quando em oposição a uma estrutura fortemente autoritária e reguladora da informação, desempenha a função de contra-informação, expondo o que é censurado. Em contextos de uma hegemonia menos explicitamente controladora, como o em que a Rádio Exu se encontra, a mídia radical tem outro papel além de informar o que não é dito: o de incentivar o questionamento da hegemonia e de gerar em seu público a confiança na possibilidade de mudanças construtivas.

No que diz respeito ao conceito de movimento social, Downing se baseia nas três definições oferecidas por Arato e Cohen (1992). A primeira delas, mais antiga, refere-se simplesmente à ação impetuosa e irracional da multidão, direcionada à balbúrdia por emoções e histeria. Já a segunda, em oposição, aponta os movimentos sociais como atores racionais. Segundo os autores, o povo, desfavorecido, é obrigado a buscar recursos alternativos para influenciar o processo político e de distribuição de recursos. A terceira definição tem origem em estudos acadêmicos que abordam os Novos Movimentos Sociais (NMSs), movimentos apontados como uma nova vertente da cultura política contemporânea. Diferente dos movimentos tradicionais, os NMSs não se definem a partir de uma noção exata de classe social, como na relação operários-capitalistas, e não se resumem em questões trabalhistas. O foco de tais movimentos é muito mais na conscientização social de suas experiências, e não tanto na conquista de mudanças práticas de responsabilidade do Estado. Como exemplos destes movimentos, Downing cita os movimentos feministas, ecológicos e/ou pacifistas.

Entender o conceito e a importância da mídia radical é, para Downing, inseparável de entender o funcionamento de uma democracia saudável. Segundo o autor, o maior erro que os teóricos cometem ao teorizar sobre a democracia é não entender a mídia como parte essencial do fazer democrático. Pois a comunicação é parte essencial da vivência social humana, e sem a presença da mídia a comunicação democrática em uma sociedade de larga escala torna-se inviável.

Recorrendo também a Macpherson, Downing emprega o conceito de poder de desenvolvimento, que é a capacidade do público de desenvolver suas habilidades pelo uso, possibilitando assim realizações do ser-humano no âmbito social. Tal poder é essencial para a evolução e estabelecimento da democracia. A mídia convencional, sujeita às leis de mercado e muitas vezes sustentando uma visão elitista sobre o público não tem um efeito significativo em incentivar esse desenvolvimento. Nesse sentido, a mídia radical expande a informação e o debate para além dos sentidos Hegemônico e por estar muitas vezes em contato com movimentos sociais é dá voz a discursos de minorias que na mídia seriam ridicularizados, muitas vezes trazendo assuntos que só muito tempo depois serão debatidos pela mídia oficial. Há ainda diferenças estruturais, essa mídia não ligada a vontade do mercado e sua organização interna muitas vezes é bem mais horizontal do que hierarquizada. Assim, a mídia alternativa radical se mostra potencialmente mais significativa na realização da comunicação democrática.

4.2. Contextualização

Tendo em mente esses conceitos, precisamos agora contextualizá-los de acordo com o objeto em análise, a Rádio Exu. Em primeiro lugar, é importante pontuar o discurso hegemônico do racismo que provoca a movimentação de negras e negros mundialmente há séculos. Ainda que o período da escravatura tenha acabado, os efeitos colaterais desse holocausto ainda são sentidos pela população negra, já que após a abolição não houve nenhuma forma de compensação pelos anos de trabalho forçado e por toda a violência, e cidadã/os negras/os foram obrigadas/os a ocupar as periferias das cidades bem como dos acessos a direitos como educação, trabalho, moradia, comunicação.

No que diz respeito às tradições de matriz africana, os efeitos são sentidos em múltiplos níveis. O racismo em relação à cultura africana reverbera nas manifestações religiosas e culturais, principalmente em um país de maioria cristã. Santos (2005) relata, em artigo sobre a intolerância religiosa por parte de educadores de ensino fundamental e médio, alguns diálogos com professores:

Quase sempre, o/a educador/a começava afirmando que era católico/a e que estava acostumado/a a ouvir horrores sobre terreiros de candomblés e centros de Umbanda, como espaço onde as pessoas eram possuídas por

entidades diabólicas, mas nunca tivera muito interesse por esse tipo de manifestação religiosa. (SANTOS, 2005, n. p.)

Apesar da criminalização da intolerância religiosa, um artigo publicado no site da BBC¹⁰ em 2016 cita dados compilados pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro (CCIR), que indicam que “mais de 70% de 1.014 casos de ofensas, abusos e atos violentos registrados no Estado entre 2012 e 2015 são contra praticantes de religiões de matrizes africanas.”

Tratando-se do legado da Rádio Exu, mais especificamente, é possível observar o foco que a mídia teve na difusão dos valores civilizatórios culturais e religiosos de matriz africana, bem como na integração de núcleos ligados ao movimento negro e na divulgação do trabalho e da militância de tais grupos. Uma atuação mais passiva e simbólica, que não foca tanto em resultados legais, mas sim na tentativa de uma comunicação mais justa da cultura de matriz africana.

Apesar das diversas controvérsias existentes em relação à existência de uma cultura “negra”, conceito apontado por alguns como excludente e segregacionista, a realidade vivenciada por negros demonstra a reprodução, reinvenção e ressignificação da cultura africana no Brasil como parte essencial da formação da identidade dessa comunidade, uma vez que, tirados à força de seu local de origem, lhes foram negados os direitos à identidade individual e coletiva, cultural e religiosa. A união entre negras e negros é o combustível para sua resistência. Nilma Lino Gomes observa a respeito deste assunto:

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um "nós", de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse "nós" possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (GOMES, 2003, p. 79).

A musicalidade desses grupos é uma herança até hoje presente em sua organicidade. Em se tratando especificamente disso, a natureza do projeto se mostrou extremamente adequada, uma vez que a rádio cumpriu bem o papel de transmitir os pontos (cantos) de

¹⁰ Artigo completo disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm>

Acesso em: 30 jul. 2019.

Umbanda e Candomblé mais populares entre as comunidades. Além disso, pessoas dentro dos círculos sociais que cercavam a produção do conteúdo da rádio estavam envolvidas com grupos musicais e usavam o espaço da rádio como mecanismo de divulgação, em uma espécie de retroalimentação. A adequação de outras plataformas possivelmente não seria tão boa ou até mesmo necessária.

Já no que diz respeito à construção desse “nós”, o senso de comunidade pode ser observado nitidamente na forma de produção e estruturação da rádio, colaborativa, e também na sua estratégia de divulgação, que utiliza como combustível o próprio trabalho realizado pelas comunidades, a fim de valorizar a ancestralidade e cultura presente nas suas tradições.

Considerando que a teoria nem sempre consegue abarcar a total complexidade dos casos concretos, usaremos as definições de movimento social de Arato e Cohen citadas por Downing, não com o objetivo de classificar, mas como ponto de partida para entender o movimento que deu origem a Rádio Exu e do qual ela é expressão. Dos três tipos de movimento social propostos, podemos nos concentrar nos dois últimos: Assim como o segundo tipo de movimento proposto pelos autores, o movimento negro de cultura de terreiro usa de “meios alternativos para exercer influência no processo político e de alocação” (DOWNING, 2002), sendo a Rádio Exu, neste caso, o próprio meio alternativo, produzida com os equipamentos disponíveis para seus integrantes. No entanto, assim como o terceiro tipo de movimento social proposto, definido como Novo Movimento Social, esse projeto busca realizações e conquistas que estão para além de algo que o estado pode conceder - questões ligadas à identidade, reconhecimento, integração comunitária e empoderamento.

Por fim, é impossível não fazer relação entre o projeto e a definição sugerida por Downing sobre a mídia radical. Primeiro por ser uma tentativa de democratização da sociedade baseada em um projeto de mídia e comunicação, algo considerado essencial para Downing. Também por ser construído com recursos acessíveis, e neste ponto também é relevante citar a ajuda das novas tecnologias de comunicação e informação. Sobre isso, Downing (2002, p. 271) também discorre:

A internet pode vir a ser a nossa primeira esfera pública global, um meio pelo qual a política pode tornar-se realmente participativa, tanto em âmbito regional quanto internacional. E é o primeiro veículo que oferece,

aos indivíduos e coletivos independentes de todo o mundo, a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional de milhões de pessoas. Portanto, as possibilidades técnicas da internet como esfera pública são ilimitadas.

Considerações Finais:

Este artigo demonstra, de forma introdutória, o legado da Rádio Exu e discute a visibilidade do povo de terreiro fundamentado na comunicação alternativa e radical. Este trabalho é um trecho da pesquisa que estamos desenvolvendo sobre a rádio. Atualmente, ela está em fase de reorganização e fora do ar, apesar disso, foi um veículo que expandiu o debate acerca da cultura de matriz africana e possibilitou que mais vozes, parte desse meio e costumeiramente silenciadas, comunicassem seus pensamentos e vivências, oportunidade não fornecida pela mídia tradicional. Além, é lógico, da organização horizontal e coletiva da Rádio e seu distanciamento dos interesses do mercado.

Referências

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac São paulo, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, nº 23, Rio de Janeiro, 2003.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo, 1999.
- LIGIÉRO, Zeca. O CONCEITO DE “MOTRIZES CULTURAIS” APLICADO ÀS PRÁTICAS PERFORMATIVAS AFRO-BRASILEIRAS. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 8, n. 16, p.129-144, set. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/695/433>>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- SANTOS, Erisvaldo P. dos. **A educação e as religiões de matriz africana: motivos da intolerância**. Caxambu: Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Educação, 2005.
- SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, 238 p.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes: Petrópolis/RJ, 2012.